

## Catequeses Teresianas

### XX

Voltando ao tema das «falas», a mais importante que Teresa de Jesus terá ouvido foi: “És minha e eu sou teu” (*Vida* 39,21). Não admira: ela tinha ouvido tantas vezes do Cântico dos Cânticos algo equivalente: “o meu amado é meu e eu sou do meu amado” (Ct 2,16; 6,3). A estreita comunhão de qualquer amor autêntico produz empatia e comunicação de vidas. Tanto o Cântico dos Cânticos como o evangelho de João abundam nesta expressão de amor «eu em ti e tu em mim», que serviu de fio condutor ao pensamento de Teresa. A forma como S. Teresa entendeu o amor bebeu às mãos cheias nestas duas fontes bíblicas. Ela sentiu, à luz da palavra de Deus, que amar e ser amado equivale na experiência humana a sentirmo-nos acolhidos, reconhecidos, aceites, queridos e perdoados pela pessoa amada, em última instância, por Deus, porque só o seu amor é imperecível e satisfaz definitivamente a necessidade de o ser humano ser amado totalmente. Então sente que toda a sua história foi amada.

É nesta situação que Teresa fala da experiência de arroubamento, arrebatamento ou êxtase no desposório espiritual. Desde agora, o orante participa da vida de Jesus em comunhão de amor. Os voos do espírito fazem participar a pessoa da existência inteira de Jesus, “mostrando-lhe grandes coisas”. E, citando claramente o livro dos Números (13,18-24), diz “que o Senhor quis mostra-lhe algo da terra aonde há-de ir” (6M 5,9). O vazio deixado pela morte do velho *eu* deu lugar à pessoa e à vontade de Jesus, que Teresa chama “verdadeiro sol de justiça”, usando a imagem bíblica de Malaquias 4,2. Realizou-se o desposório. Nasceu a jóia da liberdade do amor. A consciência do dom produz grande alegria: “Parece que se encontrou a si mesma e que, como o pai do filho pródigo, queria convidar a todos e fazer grandes festins” (6M 6,10). Repare-se que o “encontrar-se a si próprio” é fruto do esquecimento do *eu* velho. Para descrever esta mesma experiência, recorda duas personagens bíblicas, a de Pedro e a da Madalena (que Teresa confundia com a pecadora, embora não se deva pensar assim): “tinham o amor tão acrescido e tinham recebido tantas mercês e tinham entendida a grandeza e majestade de Deus” (6M 7,4). E, ainda para descrever a mesma experiência, no comentário ao Cântico dos Cânticos evoca outra mulher bíblica, a samaritana de João 4: “em paga da sua tão grande caridade, mereceu... ver o grande bem que nosso Senhor fez naquela aldeia..., ver almas beneficiadas por seu intermédio... la esta santa mulher, com aquela embriaguês divina, aos gritos pelas ruas” (*Conceitos do amor de Deus* 7,6-7).

Nas sextas Moradas, a pessoa converte-se ao amor, tornando-se então mais autenticamente ela própria. Aprende a amar, por sentir que alguém a amou primeiro, dando a vida por ela. O amor de Jesus desperta nela o amor. Os desejos, propósitos, aspirações das primeiras Moradas tornaram-se realidade nas sextas.

*P. Armindo Vaz, OCD*